

PERCURSOS FORMATIVOS DO CORPO – DESTERRITORIALIZAÇÕES EM MEIO A DESVIOS E SOBREJUSTAPOSIÇÕES

Cristian Poletti Mossi – UFSM

RESUMO

O artigo se propõe a tratar do percurso formativo enquanto processo de desterritorialização (DELEUZE, 1988/1989). Para tanto o autor refere-se à sua experiência enquanto orientador de projetos de ensino e pesquisa vinculados ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), subprojeto artes visuais, no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFSM, bem como pontua algumas de suas inquietações investigativas atuais, pensadas a partir de seu projeto de tese de doutoramento, desenvolvido no PPG em Educação dessa mesma instituição. Essas inquietações se referem ao corpo enquanto propulsor de encontros formativos e lugar de agenciamentos múltiplos. A cultura visual é vista enquanto perspectiva teórico-epistemológica para pensar as imagens enquanto dispositivos de subjetivação em tais processos.

Palavras-chave: desterritorialização; formação; corpo; cultura visual.

RESUMEN

El artículo se propone a tratar el trayecto formativo como proceso de desterritorialización (DELEUZE, 1988/1989). Para tal el autor se refiere a su experiencia como tutor de proyectos de enseñanza e investigación vinculados al PIBID (Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Enseñanza), subproyecto artes visuales, en el curso de Profesorado en Artes Visuales/UFSM, además de señalar algunas de sus inquietudes investigativas actuales pensadas desde su proyecto de tesis doctoral, desarrollado en el PPG en Educación de la misma institución. Esas inquietudes se al cuerpo como propulsor de múltiples encuentros y agenciamentos. La cultura visual es encarada como campo teórico-epistemológico para pensar acerca de las imágenes como dispositivos de la subjetividad en estos procesos.

Palabras clave: desterritorialización; formación; cuerpo; cultura visual.

Territórios e desterritorializações: o cheiro do corpo e do bicho

Tenho acompanhado o Projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), financiado pela CAPES, desde o início do ano de 2011, quando a convite da Professora Dra. Marilda Oliveira de Oliveira, coordenadora do subprojeto artes visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), passei a orientar alguns dos projetos de ensino e pesquisa de acadêmicas/bolsistas participantes do mesmo. São eles: **Diários visuais – produção de narrativas autobiográficas**, da

acadêmica Ana Cláudia Barin; **O corpo como possibilidade de educação das Artes Visuais na contemporaneidade**, da acadêmica Angélica Neuscharank; **Novas tecnologias e arte contemporânea na escola** da acadêmica Carina Plein da Silva; **A moda como problematizadora de reflexões acerca da sociedade contemporânea**, da acadêmica Karina Silveira; **Narrativas subjetivas e a educação das artes visuais**, da acadêmica Luise Aranha; **Problematizando preconceitos através da educação em artes visuais**, da acadêmica Nairaci Fernandes e, finalmente, **Gravando histórias e imprimindo narrativas: a linguagem da gravura como possibilidade para as aulas de artes visuais**, da acadêmica Valéria Souza. Todas as acadêmicas, durante o período aqui referendado, cursavam disciplinas entre o 6º e o 8º semestres do curso de Artes Visuais – Licenciatura em Desenho e Plástica da UFSM.

Foi inevitável durante este período, tecer inúmeras relações entre o que eu estava ensinando/aprendendo mediante o acompanhamento das propostas de ensino e pesquisa aqui citadas e as questões investigativas desenvolvidas durante minha pesquisa de doutoramento, as quais explicitarei melhor a seguir. Nesse sentido, este texto não pretende ser apenas um relato, embora possa ser assim pensado e até mesmo confundido. Pretende ser mais uma passagem, um espaço de tensões e proposições que se dá a ver através de relações e conexões entre o que tenho vivido participando do Projeto PIBID, subprojeto artes visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e como tenho assim me constituído, produzido meu corpo enquanto artista/professor/pesquisador no campo da educação das artes visuais, pensando qual o papel/lugar da imagem e da cultura visual nesse percurso formativo. Pretende deixar em seu possível leitor a impressão do odor marcante de um bicho que, roçando-se por uma determinada área, demarca seu *território*. E é por aí, pela *formação enquanto constituição territorial*, que desenvolverei meu texto.

Contudo, conforme pondera Deleuze (1988/1989) em seu Abecedário (série de entrevistas concedidas á jornalista Claire Parnet), “não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: *que percursos territoriais são expressos por nossos deslocamentos formativos?* Ou ainda, *que fronteiras negociamos ao*

contornar-nos, ainda que provisoriamente? Como pensar nossa existência, nossa formação e nosso devir-ser enquanto imagem que está em processo de rascunho eterno, enquanto movimento de ir e vir que produz nosso corpo e assim diferentes territórios?

Quando nos desterritorializamos, estilhaçamos nossos contornos para constituir outros tantos. O território pode ser analisado enquanto espaço no tempo não estanque que engloba tensões internas múltiplas e oferece contornos os quais estão em autoformação constante, tal como a própria subjetividade. O movimento de desterritorialização é sempre imposto por um dispositivo¹, interno ou externo, de qualquer natureza, inclusive imagético que nos possibilita abandonar nosso lugar atual para constituir outros.

Aqui, proponho pensar os processos formativos (o meu, o das acadêmicas/bolsistas que venho acompanhando no Projeto PIBID, entre tantos outros) enquanto tipos de conformações corpóreas, e assim, nos termos de Augé (1994), entender o próprio corpo enquanto imagem e porção de território. Desse modo, pretendo pensar a formação enquanto artista/professor/pesquisador no campo da educação das artes visuais como territorialidade, ou ainda, movimento de desterritorialização para reterritorializar-se, onde a perspectiva político-epistemológica da cultura visual e as relações estabelecidas com as imagens de modo geral são parte determinante, ou seja, podem ser entendidas enquanto dispositivo que dispara movimentações e sempre novas conformações.

Devir-corpo, devir-pesquisa

Ao situar minhas atuais inquietações investigativas em inter-relação com o que tenho pensado a partir da minha participação como orientador no Projeto PIBID, faz-se importante, a meu ver, primeiramente rememorar um pouco de minha trajetória formativa/acadêmica, no intuito de explicitar alguns dos caminhos que me trouxeram até aqui, fazendo-me assim pensar as coisas que penso hoje e preocupar-me com as questões que hoje me preocupam. Algo que para mim é bastante significativo, é o fato de eu, nesse momento, estar orientando acadêmicos que estão passando pelo mesmo curso de graduação que eu passei em minha formação, embora com outra configuração curricular, onde algumas coisas foram mantidas e outras abandonadas.

Concluí minha graduação em Desenho e Plástica – Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, logo depois, ingressei por uma seleção interna que havia nesse mesmo curso a fim de dar seguimento às disciplinas da Licenciatura nessa área. Este fato, embora possa parecer ínfimo, ocasionou em mim um tipo de formação muito específica no qual primeiramente me tornei bacharel, com uma alta carga horária em ateliês de práticas em linguagens artísticas, para posteriormente pensar em uma carreira docente, vinculada ao ensino e à pesquisa. Ou seja, me formei primeiramente bacharel em artes visuais para posteriormente ser professor, dentro de uma lógica ainda bastante ligada aos currículos de arte modernistas, que prevaleceram no Brasil desde a segunda metade do século passado (e que, por assim dizer, ainda persistem em alguns contextos específicos), em que prática e teoria eram coisas diversas – considerando que a segunda seria proveniente da primeira – e que saber ‘fazer’ também significaria saber ‘ensinar’. Ou ainda que saber ‘ensinar’ seria um resultado do saber ‘fazer’.

Dando seguimento à minha formação, cursei uma especialização em Design para Estamparia, também na UFSM, onde trabalhei por um tempo com a área de moda, ainda muito focado na prática criativa/artística, ingressando mais tarde no Mestrado em Artes Visuais com um trabalho no campo da História, Teoria e Crítica de Arte, na linha de pesquisa Arte e Cultura, intitulado ‘Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte – suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes’, concluído e defendido em março de 2010 no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS).

Neste último, propunha-me a pensar entrelaçamentos a partir de duas obras das artistas contemporâneas Claudia Casarino e Vanessa Beecroft, as quais trazem respectivamente vestes sem corpos e corpos sem vestes na poética de seus trabalhos. Neste estudo me propus a discutir, a partir das vestes, corpos e de suas respectivas ausências e presenças, os conceitos de *territorialidade* (entendendo o corpo e as vestes como tais), bem como pensar as possibilidades de imbricamento entre as poéticas das artistas citadas, o que chamei em minha dissertação de *sobrejustaposições*, licença poética resultante da união das palavras sobreposição e justaposição. Durante este trabalho, produzi um diário visual baseado na ideia de *diagrama* trazida por Basbaum (2007), o qual fazia uso de palavras e imagens para

propor conotações pessoais acerca das temáticas utilizadas pelas artistas e obras propostas na investigação. Diagrama enquanto “um tipo de esquema visual” que “sempre junta palavras e imagens, utilizando recursos gráficos para criar um dispositivo visual” (BASBAUM, 2007, p.61).

Em setembro do mesmo ano, fui aprovado como professor substituto do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde trabalhei basicamente com formação inicial de professores da área das licenciaturas em artes visuais, pedagogia e educação especial.

Durante tal experiência, trazia conceitos que estava pensando durante a construção de minha dissertação para minha prática na formação docente em artes visuais e, do mesmo modo – e como um contraponto – me permitia pensar as imagens das obras que estava problematizando em meu trabalho de mestrado com um olhar proveniente de minha vivência enquanto professor. Ou seja, na primeira discutia a ausência e a presença do corpo e sua relação com as vestes (do mesmo modo, ausentes e presentes) na poética das obras já mencionadas, produzindo assim um discurso legitimador das mesmas. O que fazia em sala de aula também envolvia corpos que se propunham a um devir-ser professor. Eram corpos conformando-se a partir de práticas e dispositivos² específicos lançados por mim e, para tanto, havia de produzir discursos específicos com relação ao campo da docência em artes visuais.

A partir do exposto posso afirmar que, trabalhando entre os campos da história/teoria/crítica e da educação das artes visuais (formação docente), constituí um *desvio* em minha formação. Ou seja, produzi possibilidades alternativas de caminhos que me fizeram vivenciar tal experiência de um modo muito específico, que não hierarquiza uma área com relação à outra, mas vê possibilidades nas contaminações *entre* as mesmas.

Atualmente meus intuitos de pesquisa transitam em torno de pensar a formação (seja ela de vida e/ou profissional) enquanto conformação corpórea, em meio ao cruzamento de desvios, o agenciamento³ de *sobrejustaposições* e os encontro e trocas que se estabelecem com outros corpos nesse processo. Nessa perspectiva, não falo de um corpo que é somente orgânico, mas de um corpo intensivo, um corpo

de agenciamentos múltiplos, um Corpo sem Órgãos (CsO) ao modo de Deleuze e Guattari (1996).

Porque o CsO é tudo isso: necessariamente um Lugar, necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens, potências, fragmentos de tudo isto, porque não existe “meu” corpo sem órgãos, mas “eu” sobre ele, o que resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares) (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.24)

Interessa-me partir de uma perspectiva onde possa ser compreendido que quando aprendo algo, ou quando executo determinada conduta, há uma inscrição que fica marcada em mim, em meu próprio corpo (Kastrup, 2007) a partir das afecções resultantes das trocas com outros corpos. Nesse sentido proponho uma pesquisa “não precisamente a respeito do corpo, mas daquilo que se processa no encontro dos corpos, mesmo que esse encontro se faça em regime de solidão, pois toda solidão é imensamente povoada” (ORLANDI, 2004, p.76).

Falo de corpos que se tornam artistas/professores/investigadores e que percorrem desvios – pensados enquanto possibilidades de caminhos alternativos que não necessariamente são facilitadores de processos – e agenciam *sobrejustaposições*, ou seja, sobrepõe e justapõe ao mesmo tempo, no mesmo ato e com a mesma intensidade elementos de diversas naturezas (visuais, orais, sonoros, dentre outros) na produção de subjetividades e sentidos acerca de si e do contexto onde atuam.

Corpo-imagem e cultura visual: sobre percursos formativos em artes visuais

Percursos formativos dizem respeito a corpos. Corpos são imagens. Imagens são corpos. Corpos são afetados por imagens. Imagens deslocalizam, desterritorializam corpos, os conformam. A cultura visual oferece um espaço para enxergarmos tais processos, para entendê-los de um outro lugar. Um lugar que, como afirma Hernández (2007), nos permite falar de modos do ser humano ver e assim se ver na contemporaneidade e inserido na história, observando também as narrativas do passado.

Tourinho e Martins (2011, p.53), conceituando a perspectiva teórica da cultura visual, a definem enquanto um campo transdisciplinar que

além do interesse de pesquisa pela produção artística do passado, concentra atenção especial nos fenômenos visuais que estão acontecendo

hoje, no uso social, afetivo e político-ideológico das imagens e nas práticas culturais que emergem do uso dessas imagens.

Martins (2009, p.99) ainda propõe que ao falarmos de cultura visual estamos abordando uma perspectiva que surge nos entrecruzamentos e trânsitos da territorialização dos fenômenos visuais e se configura enquanto “um campo amplo, múltiplo, em que se abordam espaços e maneiras *como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura*”.

Neste direcionamento, entendo que os corpos podem ser pensados ao mesmo tempo enquanto produtores e produtos resultantes de culturas e imagens e, sendo assim, um desses ‘espaços’ de abordagem dos quais o autor citado acima nos chama a atenção pode ser o espaço formativo e uma dessas ‘maneiras’ de abordá-lo seria pensando-o a partir da invenção de corpos que, engendradas nesse processo, por sua vez, lançam mão de desvios e sobrejustaposições através de práticas e percursos.

Nosso entorno nos subjetiva, passa a fazer parte de nós, nos produz de alguma maneira. Nesse sentido ‘ver’, de um modo amplo, além de uma ação fisiológica, é uma prática cultural/subjetiva construída socialmente, uma ação do corpo que potencializa corporeidades (GREINER, 2005), ou modos de ação no mundo. Tourinho e Martins (2011, p.54) pontuam que

(...) vemos através de filtros produzidos pela cultura e pelas nossas trajetórias/histórias pessoais. Ver – como parte da vida (de um aprendizado) cotidiana – e dar sentido ao que vemos é uma prática que se aprende de muitas maneiras, a partir de muitas fontes. Ao naturalizar certas idéias e valores, nossa história/trajetória cultural vai configurando, gradativamente, nosso modo de ver o mundo, ou seja, predispondo-nos a vê-lo de determinadas maneiras. Mas o ato de ver (...) acontece em contexto, e o contexto orienta, influencia e/ou transforma o que vemos. Por essa razão, ver é – deve ser – um processo ativo e criativo.

Assim, compactuo com a importância de uma postura reflexiva perante ao que é visto e ao que é construído/produzido em termos de significação e performance social/cultural a partir do que é visualizado. Se, mediante ao que vemos formulamos posturas sobre o mundo e sobre nós mesmos, enfim, sobre o que está à nossa volta e, desse modo, produzimos nossos corpos e os inventamos de diferentes modos, os processos formativos entrecruzados pelo lugar teórico da cultura visual – campo que se ocupa, dentre outros objetivos, a pensar as visualidades em seus diversos

contextos sociais/históricos/culturais e o que pode ser reverberado a partir delas – tornam-se um terreno promissor ao discutirmos tais questões.

Sobrejustaposições e desvios: duas paisagens para pensar os percursos formativos

A formação, ou se preferirmos, os percursos formativos pensados desde as perspectivas apresentadas até então, são entendidos não enquanto um receituário, ou como um modelo, mas sim enquanto práticas que se desenvolvem e são construídas através dos discursos, das experiências, singularidades e pontos de vista que buscam antes a pluralidade que a universalização de qualquer enunciado ou método que seja. Creio que as experiências formativas vivenciadas por mim e pelos acadêmicos/bolsistas participantes do Projeto PIBID, subprojeto artes visuais, são, ou ao menos almejam serem vistos por esse viés.

Nesse sentido, tenho pensado os processos e percursos formativos entrecruzados pelas imagens enquanto dispositivos e pela perspectiva teórico-epistemológica da cultura visual a partir de duas paisagens: as *sobrejustaposições* e os *desvios*, inclusive já referidos neste texto.

As sobrejustaposições me permitem pensar efeitos e processos desejantes de agenciamentos múltiplos. Sobrejustaposições enquanto delírios. Desejar sobrepor e justapor, ao mesmo tempo, no mesmo ato e com a mesma intensidade, elementos oriundos de múltiplos estados. Imagens que nos afetam, acontecimentos, encontros/desencontros, saberes, discursos, entre outros, e assim deixá-los transbordar em nosso corpo, em nossas práticas. Alojá-los em nós.

Desse modo, como podemos pensar nossa formação subjetiva, bem como as práticas (e os resultados das mesmas) nesse processo, enquanto grandes paisagens formuladas a partir de elementos distintos, fragmentos de diversas naturezas e oriundos de diversos lugares, os quais modificam-se constantemente e são combinados dentro de uma lógica interna?

Longe de querer responder tal questionamento, mas potencializando-o ainda mais, proponho que pensemos a formação mediante a paisagem do desvio. Nesse sentido, se pensarmos o caminho enquanto uma forma de *poder* nos termos

foucaultianos (FOUCAULT, 1979) consideraremos também que tal caminho produz certos tipos de *conformações* e *saberes* e que, por sua vez, *não é único*, nem existe sem possibilidades de *resistências* ou *desvios*.

Desvios enquanto invenções daquilo que escapa, que foge à usualidade da tentativa de totalidade e que passa a ser produtivo na improdutividade. Blanchot (2010, p. 60) contribui com tal paisagem ponderando que “a questão a mais profunda, é esta experiência do desvio no modo de um questionamento anterior ou estranho, ou posterior a toda a questão”.

Assim, como podemos pensar nossos percursos formativos subjetivos enquanto invenções de caminhos possíveis? Caminhos não necessariamente mais facilitados, tampouco menos íngremes ou menos perigosos, mas caminhos alternativos que produzem experiências e que, por sua vez, produzem sujeitos, corpos, produzem modos de ser, oferecem elementos para a compilação das mais variadas *sobrejustaposições*.

Proponho assim pensar a formação docente enquanto caminho que conforma certos tipos de corpos e possibilidades, mas que não são necessariamente únicos e irrevogavelmente formativos, tampouco não permitem o atravessamento de outros tipos de saberes (a não ser os curriculares/disciplinares). Proponho pensarmos em formações repletas de desvios, e que tais deslocamentos produzam uma formação experimental e intransferível.

¹ Dispositivo está empregado neste texto nos termos propostos por Foucault em toda a sua obra e diz respeito à gama de práticas discursivas/não discursivas engendradas em relações de saber-poder. Ou seja, nesse sentido, as imagens e práticas pedagógicas também podem ser assim entendidas, já que lançam possibilidades de conformação mediante suas cargas discursivas/não-discursivas.

² Idem nota anterior.

³ Agenciamento ao modo de Deleuze & Guattari em *Mil Platôs* (1995) significando a combinação/ligação de elementos díspares ou multiplicidade de elementos heterogêneos das mais variadas ordens: corpos, enunciados, idéias.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. São Paulo: Escuta, 2010.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, Raimundo. Imagem e processos de interpretação no contexto escolar. In: ASSIS, Henrique Lima; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira e outros (Orgs.). **O ensino de artes visuais**: desafios e possibilidades contemporâneas. Goiânia: Seduc, 2009. pp. 99-106

ORLANDI, Luis Benedito Lacerda. Corporeidades em minidesfile. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. pp. 65-87

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. pp. 51-68

Cristian Poletti Mossi

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista CAPES. Mestre em Artes

Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) do Centro de Artes e Letras (CAL) da UFSM com bolsa CAPES/REUNI integral. Especialista em Design para Estamparia, Bacharel e Licenciado em Desenho e Plástica por esta mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec).